

ESTRANHAMENTOS

ESTRANGEMENTS

EXTRAÑAMIENTOS

Leandro Belinaso Guimarães^{1, 2}

RESUMO

O ensaio abre um conjunto de perguntas sobre *a questão multicultural*, a partir de alguns textos literários e de duas exposições de artes visuais realizadas no ano de 2016 em São Paulo e Florianópolis. Aborda-se, a partir de autores como Stuart Hall e Edward Said, o aspecto narrativo da *questão multicultural*, salientando os modos como os romances articulados ao ensaio contam a respeito dos encontros, repletos de estranhamentos, entre *heterogeneidades*. A partir das imagens artísticas visitadas nas exposições e comentadas no texto indaga-se sobre os estranhamentos que elas incitam. Por fim, defende-se uma pedagogia estranhável nas práticas educativas que se desejam abertas ao outro e provocadoras de rasuras nas presumidas identidades que se imagina habitar.

PALAVRAS-CHAVE: Multiculturalismo; estudos culturais; pedagogias culturais.

¹ Doutor e mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, graduado em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo (USP). Realizou estudos de pós-doutoramento no Laboratório de Estudos Audiovisuais (OLHO/FE/Unicamp), OLHO/FE/UNICAMP. Atualmente é professor no Departamento de Metodologia de Ensino da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: lebelinaso@gmail.com. Professor da Universidade Federal de Santa Catarina. Contatos: lebelinaso@gmail.com ou www.facebook.com/tecendo ou <http://bit.ly/1IDVY14>.

² Endereço de contato do autor (por correio): Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Departamento de Metodologia de Ensino. Campus Universitário Trindade CEP: 88040900 - Florianópolis, SC – Brasil.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n1p131>

ABSTRACT

The essay opens a set of questions about the *multicultural theme*, it uses some literary texts and two exhibitions of visual arts held in 2016, in São Paulo and Florianópolis. The narrative aspect of the *multicultural theme* is approached based on authors such as Stuart Hall and Edward Said, emphasizing the ways in which the novels, articulated to the essay, speak about the encounters, full of estrangement, between heterogeneities. Based on the artistic images that were visited at the exhibitions and also mentioned on the text, it investigates the estrangements that these provoke. Finally, a “pedagogy of strangeness” is defended in educational practices that wish to be open to others and are provocative of erasures in the apparent identities that is thought to inhabit.

KEYWORDS: Multiculturalism; cultural studies; cultural pedagogies.

RESUMEN

El ensayo abre un conjunto de preguntas sobre *el tema multicultural*, a partir de algunos textos literarios y de dos exposiciones de artes visuales realizadas en 2016, en São Paulo y Florianópolis. El aspecto narrativo del *tema multicultural* se aborda desde la perspectiva de autores como Stuart Hall y Edward Said, destacando las formas en que los romances articulados al ensayo se refieren a los encuentros, repletos de extrañamientos, entre *heterogeneidades*. A partir de las imágenes artísticas, visitadas en las exposiciones y comentadas en el texto, se investiga sobre los extrañamientos que estas incitan. Por último, se defiende una “pedagogía extrañable” en las prácticas educativas que se desean abiertas al otro y provocadoras de tachaduras en las presuntas identidades que se imagina habita.

PALABRAS CLAVE: Multiculturalismo; estudios culturales; pedagogías culturales.

Recebido em: 05.10.2017. Aceito em: 01.12.2017. Publicado em: 01.01.2018.

Domar uma palavra (transformá-la em clichê)
é acabar com ela.
Rosa Montero, 2016.

Este ensaio foi pensado, inicialmente, para atender a um convite de Marcos Reigota e de Alda Romaguera: conversar sobre multiculturalismo e educação em uma mesa-redonda no primeiro Congresso Internacional de Educação, na Universidade de Sorocaba, no segundo semestre de 2016. Aceitei com muita alegria tal desafio, pois considero que estamos sedentos por, juntos, pensar este tempo presente que nos cala e, ao mesmo tempo, nos solicita um corpo e um pensamento insurgentes.

Depois, ao receber um segundo convite, de Amanda Leite, Renata Ferreira e Leon Farhi Neto, para submeter um texto ao dossiê “Pós-verdade, escrita e...” considerei instigante a possibilidade de ensaiar uma mesma escrita que atendesse, ao mesmo tempo, a estes dois desafios. Pensei que uma chave interessante de entrada na questão da “pós-verdade”, anunciada pelos organizadores do dossiê, seria a sensação de estranhamento. A mesma que vivi em meu corpo ao receber os dois convites anunciados.

Parece ser cada vez mais oportuno e necessário exercitarmos, em nós mesmos, certa desconfiança com relação aos posicionamentos repletos de certezas. Quem sabe, tal exercício nos faça ocupar um lugar de estranhamento. E ele vem sendo solicitado, a meu ver, a nós, desde o século passado, pela questão multicultural. Foi considerando tais aspectos que aceitei os convites e mergulhei na aventura da tessitura deste ensaio.

Instigado a pensar a questão multicultural³ em sua articulação com a educação, aproveitei o ensejo para visitar dois autores que foram vitais à minha formação: Stuart Hall e Edward Said. Reli alguns textos incríveis escritos por estes dois pensadores, reencontrando minhas anotações tecidas nas leituras de outros tempos. Muito do que argumentarei só foi possível ser escrito porque estudei novamente um pouco de Hall e Said. Claro que a responsabilidade pelo que direi é toda minha, da leitura que faço, hoje, destes estudiosos da cultura cujos pensamentos seguem sendo, a meu ver, atuais e necessários.

Costuro ao meu texto algumas cenas cotidianas vividas, sobretudo sobre uma inusitada carta que recebi durante a visita que fiz a uma exposição de arte. Revisitei também alguns trechos de um parecer escrito muito recentemente sobre a dissertação de mestrado em Artes Visuais de Annaline Piccolo (2016). E, ainda, alguns livros literários lidos nos últimos meses, escolhidos exatamente porque, a meu ver, tocam na questão multicultural. Estou embebido, neste momento de escrita do ensaio, do romance chamado “Quando o imperador era divino”, de Julie Otsuka (2015), lançado nos Estados Unidos em 2002, mas traduzido e publicado somente ano passado no Brasil. E também do romance “O Xará”, de Jumpha Lahiri (2017). Aliás, tenho lido muitos romances e contos de autores que escrevem *em* diáspora, cujas personagens ficcionais inventadas em seus livros vivem densamente a sensação de não ter um lugar no mundo, de estar em deslocamento, muitas vezes sem nem mesmo se reconhecer no nome que carregam – como é o caso do protagonista do belíssimo romance citado de Jumpha Lahiri.

³ Evitarei falar no ensaio em multiculturalismo, por entender, a partir de Stuart Hall (2003), que este é um termo substantivo ligado às estratégias e políticas que governam e administram a diversidade. Usarei a expressão qualificativa “a questão multicultural”. Desejo evidenciar seu aspecto narrativo, salientando os modos como histórias são contadas a respeito dos encontros, repletos de estranhamentos, entre *heterogeneidades*.

Sigo abaixo com o ensaio contando a vocês, caros leitores, um pouco sobre uma misteriosa carta que recebi. Acredito ser este um início interessante, já que ele cria, essa seria minha aposta, uma atmosfera repleta de estranhamentos que, como procurarei mostrar, enovela a questão multicultural e toca a temática da “pós-verdade”.

Cheguei à exposição “Camouflage”, de Fran Favero, com curadoria de Juliana Crispe, com meus alunos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Era uma noite de quinta-feira, de um setembro frio do ano de 2016 na Ilha de Santa Catarina. A artista nos recebeu na porta do “Nacasa – coletivo artístico”, no bairro Trindade, em Florianópolis. Aquela era sua primeira mostra individual. Era também a primeira vez que a maioria dos estudantes conhecia um espaço que reúne ateliês de vários artistas, organiza cursos, mostras e eventos culturais na cidade⁴. Alguns nunca haviam visitado uma exposição em que a própria artista estaria presente e disponível para uma conversa.

Na entrada, o primeiro estranhamento da noite. Fran Favero entregou para mim uma carta. Um envelope singelo, bonito, no qual era possível ler meu nome completo. O selo era atual e sem importância, imagino, para os filatelistas. Era destes que já vem com cola e costumam ornar nossas contas mensais. Porém, aquele endereço grafado com letra desenhada não era meu. Ou já teria sido um dia? A artista estava cuidando das plantas, arejando o apartamento, esvaziando a caixa de correspondências de uma amiga que havia viajado. E justamente naquela semana em que nos encontraríamos, uma carta endereçada a mim foi recebida no endereço de sua amiga. Atualmente, ela

⁴ Saiba mais sobre este espaço de arte e cultura acessando: <https://nacasaartes.wordpress.com/>

mora no mesmo lugar que vivi, por dois anos, desde quando cheguei à Florianópolis em janeiro do ano 2000. Mas quem me escreveria uma carta para um endereço já tão antigo? Por que não me procurou nas redes sociais para saber se ainda estaria morando lá, naquele lugar que primeiramente me abrigou na cidade? Será que todos os anos me escreveu? Mesmo sem receber resposta alguma?

Atônito, guardei a carta para ler com calma depois e adentramos a exposição. Olhamos lenta e atentamente as imensas fotografias. Os retratos sem rosto daquelas mulheres que posavam, em sua maioria, em ambientes internos de casas abastadas de um tempo passado. Havia também dois vídeos compondo a mostra. Convidei os estudantes a escolherem uma imagem e com ela escreverem um breve texto que seria lido em voz alta ali mesmo no espaço expositivo. Poderia ser uma narrativa que contasse um pedaço de alguma história curta ou somente algumas linhas sobre as sensações do encontro que tiveram com a imagem escolhida. Alguns pensamentos soltos que se criam quando palavras são pintadas no papel. Pequenas cartas a serem endereçadas à artista.

Também participei do desafio proposto. Fiquei em frente a um dos vídeos e escrevi uma única frase lapidada no instante de escrita deste ensaio: *a força do vento me dissolveu dentro do tempo que ele trouxe de longe*. Talvez eu estivesse abduzido pela carta que havia recém recebido. Ela me retirou do presente e me levou a um tempo que dura em mim sem que eu perceba. No vídeo, o vento sopra delicadamente. É preciso lentidão para ver, para perceber sua atuação. É necessário parar à sua frente e ali ficar. Nada muda e, de repente, tudo já está distinto. Um rosto se forma, mas não se deixa ver. Só as forças que o compõem e o dissolvem são sutilmente perceptíveis.

A estranheza das fotografias da artista nos convida a uma experiência de alteridade com as imagens. Aqui reside, quem sabe, o encontro do trabalho artístico de Fran Favero com a questão multicultural. Ela, inspiro-me em Stuart Hall (2003), estaria relacionada, como já marquei em uma nota na primeira página do ensaio, aos modos de narrar encontros entre *heterogeneidades*. Tais maneiras de escrever recusariam as histórias contadas a partir de oposições binárias fixas. Elas acentuariam os hibridismos, ou seja, os processos de *tradução cultural* que nunca se completariam. Histórias de negociações culturais conflituosas, disjuntivas, insuficientes. A questão multicultural nos lançaria o desafio de pensar as narrativas sobre os encontros entre *heterogeneidades* como inacabadas, como permanentemente inconclusas. Ela nos exigiria um estado permanente de suspeição e de estranhamento, tal como nos provocam as imagens de Fran Favero.

As fotografias e os vídeos da artista visual nos colocam frente a frente com um estranho *a nós* e *em nós*. Essa sensação de estranhamento é o que nos permitiria acionar outras chaves de leitura, quem sabe mais ficcionais e inventivas, para as fotografias expostas. O estranhamento nos provoca deslocamentos. E deslocar-se significaria, como argumenta Renato Cordeiro Gomes (2007), "dar a palavra ao outro" (p. 135). Na leitura que faço de Edward Said (2003), deslocar-se teria relação com a suspensão da rotina, com a entrega a outros ritmos e rituais, com a rasura de qualquer identidade presumível, com o abandono de posições fixas, de verdades pré estabelecidas. A questão multicultural parece nos exigir, portanto, a nós que trabalhamos com a formação, uma pedagogia estranhável.

Comumente falamos a partir de algum chão epistêmico que nos sustentaria minimamente, de uma geografia que nos localizaria. Tal enraizamento, embora compreensível, nos impediria, talvez, de desejar outros mundos. Quem sabe seja preciso estranhar nossas raízes inventadas. Isto não significa, necessariamente, dissolvê-las por completo, mas (re)significá-las a partir de outras rotas. Diria que estar em deslocamento, como parece nos solicitar a questão multicultural, nos permitiria uma entrega ao que vem do “outro”. Por vezes, chãos, localizações, raízes e certezas nos impossibilitam viver uma experiência de alteridade. E ela parece ser a cada dia mais imprescindível para um combate diário às homogeneizações produzidas pelas políticas desenvolvimentistas ou financeiras da globalização econômica atual. Criar diferença no barulhento e atordoante tempo presente – mergulhado em um incremento vertiginoso das migrações em razão de guerras, de terrorismos, de desastres socioambientais, de condições precárias de vida, de fundamentalismos fratricidas – seria, em certa medida, deixar-se habitar pelo “outro”, por seus mundos misteriosos, estranhos, inacessíveis, inimagináveis.

É impossível falar em deslocamento sem lembrar do livro “A Mesa da Ralé”, de Michael Ondaatje (2014). O livro nos apresenta uma história comovente narrada por uma criança durante uma viagem de 21 dias a bordo de um navio que partira do Sri Lanka para a Inglaterra poucos anos após o fim da Segunda Guerra. Duas questões presentes no romance já me capturaram de saída. Ler uma história narrada por uma criança de onze anos e, ainda, saber que ela está fazendo isso em deslocamento. O que uma criança contaria sobre uma viagem de navio que não poderia, jamais, ser dito por adulto algum? Não adentrarei, aqui, na história, mas quero pontuar o modo de contá-la. O ponto de vista escolhido. Escrever com os olhos de uma criança é se propor a ver o

impossível. Algo difícil para nós que somos adultos repletos de certezas e de verdades petrificadas. E mais, a criança que narra a história ocupava um lugar de pouquíssima importância no navio. Sentava-se para comer na “mesa da ralé”. São as condições de ser criança e de habitar os baixios do navio que permitem ao narrador transitar por todos os lugares da embarcação, em todos os horários dos dias e das noites, vendo tudo que não podia ser visto e mais um pouco. É a condição de silêncio e de invisibilidade que no romance permitem ao protagonista ver o que não podia ser visto. Em certa passagem do livro lemos:

Esta foi uma pequena lição que aprendi na viagem. O que é interessante e relevante acontece em geral em segredo, em lugares onde não há gente poderosa. Nada de valor duradouro ocorre na mesa principal, sustentada por uma retórica que todos conhecem bem. Os que já detêm poder continuam a deslizar ao longo das linhas que previamente traçaram para si (p. 84).

Esta passagem me fez visitar um lindo texto de Marcos Reigota (2010) sobre a contribuição política dos que se deslocam desde as margens. Estes anônimos que pouco são escutados efetiva e afetivamente nas nossas pesquisas, algumas vezes muito interessadas em verdades e mundos próprios.

Naquela noite em que recebi uma carta pelas mãos de uma artista, achava que aquele antigo endereço já não me pertencia mais. Nem me recordava dele. Com a carta pude me deslocar a um tempo que hoje está presente em mim como rastro e vestígio. Lembro que não queria ir embora daquele minúsculo apartamento em que era locatário. Fui obrigado em razão da proprietária desejar vender o imóvel. Saí e levei comigo o pouco que tinha. Só deixei para trás o endereço. E mais de quinze anos depois ele retornou. O

que deixaria para trás, hoje, se tivesse, de repente, que abandonar meu lar? Perderia a própria casa ou ela seguiria comigo? De que e do que eu me despediria? O que colocaria dentro da minha única mala, se só ela pudesse levar? Reservaria um cantinho para a inusitada carta que recebi?

Em setembro de 2016 visitei a exposição chamada “A Casa”, no Museu de Arte Contemporânea (MAC), em São Paulo. A curadora Katia Canton, no texto de apresentação da mostra, nos lembra de um poema de Vinícius de Moraes, musicado em parceria com Toquinho em 1980, que versa sobre este espaço, ao mesmo tempo, familiar e repleto de estranhamentos, de ausências. O poema fabula uma casa muito engraçada, sem teto, sem nada. O texto da curadora diz que a exposição compartilharia um espírito de estranheza, pois cada objeto artístico lá exposto (um fogão, por exemplo) fora tirado de seu uso esperado, funcional e utilitário para dar-se ao pensamento e à sensação.

Isso me força pensar a questão multicultural como uma abertura a revirar assuntos e espaços tidos como *plenamente* estabelecidos. Qualquer fechamento cultural, étnico, sexual, racial, de gênero, precisaria ser contestado sem tréguas, diria Stuart Hall. O romance já citado de Julie Otsuka (2015) toca a pele da questão multicultural. Primeiramente, ele nos permite, enquanto leitores, enxergarmos o outro em sua complexidade infinita, nos fazendo evitar estereótipos simplistas. Em segundo lugar, ao nos imaginarmos em deslocamento, junto com os protagonistas da história, estranhamos o que já estaria estabelecido e acomodado em nós.

O romance conta a história de uma família de descendentes japoneses retirada de sua casa nos Estados Unidos para ser levada a um campo de concentração montado em uma região desértica do país durante a Segunda Guerra Mundial. Uma história pouco conhecida por todos nós. Acompanhamos

pela singela, mínima e potente escrita da autora, a saga de uma mulher e de seus dois filhos (uma menina e um guri) desde a preparação para a partida até o retorno após um longo tempo vivendo na secura bruta e na solidão devastadora e quente do deserto.

O livro nos desloca imaginativamente com os protagonistas até um campo de concentração. E lá o que se faz é esperar. Na leitura também esperamos que algo grandioso ocorra, mas só nos deparamos com gestos, delicadezas, sutilezas, angústias, brutalidades. Aguardar por uma carta é o que torna possível o movimento do corpo dos protagonistas. Antes de serem levados, o pai já tinha sido buscado em casa em uma noite qualquer e sem aviso prévio. De onde estava preso, acusado de fidelidade ao imperador japonês, enviava cartas que contavam pouco. Falavam do tempo. Nada mais. Mas o recebimento delas era, por si só, a certeza de que ainda havia um endereço, uma casa. Já no campo de concentração, "mais do que qualquer coisa, eles esperavam. Pelo correio. Pelas notícias. Pelos sinos. Pelo café da manhã, pelo almoço, pelo jantar. Para que o dia terminasse e o seguinte começasse." (OTSUKA, p. 54)

Os vídeos e as fotografias da exposição "Camouflage", de Fran Favero, nos pedem por lentidão. O estranhamento não é algo que possa ser vivido de modo acelerado. Sobre a lentidão Milan Kundera (2011) nos diz:

a velocidade é a forma de êxtase que a revolução técnica deu de presente ao homem. Ao contrário do motociclista [do motorista de carro], quem corre a pé [caminha ou pedala] está sempre presente em seu corpo, forçado a pensar sempre em suas bolhas, em seu fôlego; quando corre [anda, pedala] sente seu peso, sua idade, consciente mais do que nunca de si mesmo e do tempo de sua vida... (p. 7 e 8).

Como trazer a lentidão, o corpo, a vida cotidiana, as histórias dos nossos consumos simbólicos, de nossos descartes de sonhos, para nossas práticas pedagógicas? Como torná-las estranhas a tal ponto que ofereçam a possibilidade de uma experiência de alteridade? Como conectá-las a uma complexa oferta de narrativas sobre encontros entre *heterogeneidades*, tal como nos solicita a questão multicultural? Desafios imensos para todos aqueles instados a criar outros mundos mais afetivos e abertos a uma convivência alegre pelos interstícios do mistério que é viver.

É preciso lentidão para deslocar-se, mas não, quem sabe, como se fôssemos “nômades digitais”. Como pontuou Daniel Lins (2014), o “domicílio fixo graças à tecnologia se estende por todo o planeta” (p. 145). Este seria, portanto, um novo modo de estar sedentário no contemporâneo, sem jamais precisar romper com as ancoragens oferecidas, por exemplo, pelo mercado, pelos enraizamentos propostos por uma vida viajante, mas, paradoxalmente, ao mesmo tempo, sem viagem. Deslocar-se não como uma questão de sobrevivência, de achar uma saída, um caminho, mas para (re)inventar outros mundos, para se perder e pausar o corpo, sempre que for preciso.

Em cada momento de pausa nas nossas andanças se estaria reafirmando, será, a casa que nos habita? Ou a casa já não estaria mais presente? Para ajudar a pensar nesta indagação, há uma magistral passagem do livro “Azul Corvo” de Adriana Lisboa (2014):

... a casa já não estava mais lá, portanto o caminho não podia estar. E não é que a casa estivesse, agora, em toda parte – não, isso é para os cidadãos do mundo, para os que viajam por esporte [...]. Não é que a casa estivesse em toda parte: a casa não estava em parte alguma (p. 98 e 99).

Vou chegando ao fim do ensaio. Espero, retomando a epígrafe da escritora espanhola Rosa Montero (2016) que abre o texto, não ter domado a questão multicultural. Tomara que a tenha deixado deslocar-se ao longo da leitura e da escuta, as quais agradeço imensamente. Seguirei pensando sobre os vestígios da casa que chegou até mim através de uma carta misteriosa. Minha resposta a ela foi a tessitura deste ensaio. Não foi possível contestar as perguntas que ela me trouxe. Apenas estranhá-las. A carta me permitiu deslocar um pouco a casa que imaginava habitar tranquilamente. Será que ainda existe alguma intacta e inteira dentro de mim? Por fim, queria agradecer a oportunidade de pensar sobre a questão multicultural em processos formativos. Através da escrita deste ensaio pude estranhar-me e, com isso, viver, quem sabe, uma experiência de alteridade.

Referências

GOMES, Renato Cordeiro. Móviles urbanos: eles eram muitos... In: HARRISON, Marguerite (Org.). **Uma cidade em camadas**: ensaios sobre o romance Eles eram muitos cavalos de Luiz Ruffato. Vinhedo: Horizonte, 2007.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik. Tradução: Adelaine La Guardia Resende [et al]. Belo Horizonte: UFMG. Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

KUNDERA, Milan. **A lentidão**. Tradução: Maria Luiza da Silveira e Teresa Bulhões da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LAHIRI, Jhumpa. **O Xará**. Tradução: Rafael Mantovani. 2ª. Edição. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

LINS, Daniel. Nietzsche: vida nômade – estadia sem lugar. In: MARQUES, Davina; GIRARDI, Gisele; OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao (Org.). **Conexões**: Deleuze e



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n1p131>

territórios e fugas... Petrópolis: De Petrus et Alii. São Paulo: ALB. Brasília: CAPES, 2014.

LISBOA, Adriana. **Azul Corvo**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2014.

MONTERO, Rosa. **A louca da casa**. Tradução: Paulina Wacht e Ari Roitman. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

ONDAATJE, Michael. **A mesa da ralé**. Tradução: Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

OTSUKA, Julie. **Quando o imperador era divino**. Tradução: Lilian Jenkino. São Paulo: Grua, 2015.

PICCOLO, Annaline Curado. **Casa-nômade**: afetivações urbanas. Mestrado em Artes Visuais. Universidade do Estado de Santa Catarina, 2016.

REIGOTA, Marcos. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, volume 11, número 21, 2010.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.